

# FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT ✓

99

Maria Aparecida Nogueira SCHMITT<sup>1</sup>  
Francine Nogueira SCHMITT<sup>2</sup>

---

✓ Artigo recebido em 15/02/2018 e aprovado em 21/05/2018.

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em Letras Neo-Latinas pela UFRJ. E-mail: <mariaschmitt@pucminas.cesjf.br>.

<sup>2</sup> Especialização em Tradução Português-Inglês e Inglês-Português pelo CES/JF e Especialização em Estatística pela UFJF. E-mail: <frannsguerra@hotmail.com>.

## FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT

### RESUMO

Elaborar um estudo sobre a dor do não pertencimento do indivíduo, decorrente da experiência do exílio e do alcance dos efeitos da cultura hegemônica do colonizador, situações simbolicamente apresentadas na trama de A asa esquerda do anjo, romance de Lya Luft, constitui o escopo deste trabalho. Nessa obra, a narradora-protagonista, Gisela, e sua avó, a matriarca Frau Wolf, caracterizam-se como polos opostos da violência simbólica. Se por um lado Gisela é marcada pela imposição hegemônica de uma cultura alheia à sua, por outro lado a avó representa o papel do opressor, ancorando-se nas suas origens alemãs e procurando fazer de seu núcleo familiar uma Alemanha no território brasileiro. O vigor da tradição que nutre o sentimento de nacionalismo da avó o transforma em uma força opressora. Em Frau Wolf fica estabelecida a dialética colonizador/colonizado que acaba por causar o aniquilamento sociocultural do colonizado e, por conseguinte, a sua descivilização. À luz dos estudos de Aimé Césaire, Édouard Glissant, Stuart Hall, Edward Said e Jacques Derrida são abordados temas norteadores para a análise desse processo de aniquilamento de uma cultura por outra e de suas consequências.

Palavras-chave: Exílio. Colonizador. Colonizado. Identidade. Descivilização.

## IDENTITY FRAGMENTATION IN A ASA ESQUERDA DO ANJO, BY LYA LUFT

### ABSTRACT

The present work aims at studying the pain originated from one's feeling of unbelonging, due to the experience of the exile, as well as the colonizer's cultural hegemony, situations symbolically presented in the plot of A asa esquerda do anjo, novel by Lya Luft. In this work Gisela, who is the narrator-protagonist, and her grandmother, matriarch Frau Wolf, are characterized as opposing poles of symbolic violence. If on the one hand Gisela is marked by the hegemonic imposition of an extrinsic culture, on the other hand her grandmother represents the oppressor, since she anchors herself to her German origins and tries to turn her family nucleus into a Germany in Brazilian territory. The traditional strength nourishing the grandmother's feeling of nationalism turns such a feeling into an oppressive force. The colonizer/colonized dialectics is established through the character of Frau Wolf, ultimately leading to the socio-cultural annihilation of the colonized and therefore its decivilization. Under the light of the studies by Aimé Césaire, Édouard Glissant, Stuart Hall, Edward Said and Jacques Derrida, some guiding themes are used for the analysis of this annihilation process which is suffered by forcibly superimposing one culture upon another and its consequences.

Key-words: Exile. Colonizer. Colonized. Decivilization.

## 1 INTRODUÇÃO

Em **A asa Esquerda do Anjo**, segundo romance de Lya Luft, duas personagens marcadas pelas dores do exílio atuam em perspectivas distintas: a narradora-protagonista Gisela, que vive um exílio às avessas, e sua avó, Frau Wolf. Gisela, sentindo-se expatriada no próprio país pelo fato de se ver obrigada a abdicar de sua cultura, vive uma existência marcada pelo sentimento de insegurança e inferioridade, enquanto Frau Wolf desempenha o papel hegemônico da matriarca que, por sua vez, busca aplacar a dor do não pertencimento por meio da imposição de sua cultura de origem aos membros da família, valendo-se de seu caráter rígido e imponente.

Por meio de uma leitura simbólica das posturas e reações das personagens, questões existenciais são discutidas no que diz respeito ao sentimento de pertença, à associação entre nacionalismo e exílio e aos processos de aquisição e transformação cultural. Os estudos de Édouard Glissant (1996) embasam, neste trabalho, as considerações sobre identidade cultural e percepção dos meios pelos quais essa identidade toma forma, à medida em que tais relações se consolidam dentro da sua concepção de **pensamento raiz** e **pensamento rizoma**. Para se pensar em como o conceito de nacionalidade é retratado e como o sentimento de pertença é trabalhado na trama romanesca de **A asa esquerda do anjo**, recorre-se ao aporte teórico de Edward Said (2003). As considerações do **nós** e do **outro** de Stuart Hall (2008) constituem fundamentação teórica no que se refere ao sentimento do nacionalismo exacerbado decorrente do processo de desterritorialização que Gisela e Frau Wolf vivenciam. Relevante se faz aqui recorrer à divisão binária do que é **o mesmo** e do que é **o outro** de Jacques Derrida (2003) ao propor o conceito de *différance* para que se considerem as distintas nuances de similaridades e de contrastes inerentes ao processo de absorção cultural.

Gisela, a personagem central do romance, revela a crise identitária levada às últimas consequências, que se torna evidente na atitude da personagem de se fechar para sentimentos e sensações, ao tratar o amor com extrema frieza, autointitulando-se Rainha das Neves. Como recurso poético, a autora recorre ao insólito na quebra dos parâmetros racionalizados das formas tradicionais, sobretudo

ao final da narrativa, quando um parto simbólico apresenta ao leitor um ser gerado disforme, totalmente afastado dos padrões humanos.

A subversão dos princípios modelares das instituições humanas é retratada no episódio em que Stephan, casado com a filha de Frau Wolf, e Anemarie, sobrinha de Stephan, assumem o relacionamento amoroso e fogem juntos, deixando o núcleo familiar. A atuação desses personagens configura o que Hall, em **Da diáspora: identidades e mediações culturais** (2008), considera como **metáforas de transformação** a quebrarem as velhas hierarquias e a substituí-las por novos valores e significados. Segundo Hall, as **metáforas de transformação** fornecem meios para se pensar de modo não reducionista sobre as relações estabelecidas entre o domínio social e o simbólico no processo de transformação cultural.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O romance em questão revela como as duas personagens centrais e conflitantes, Gisela e sua avó Frau Wolf, assumem padrões de comportamento e emoções condizentes com as diferentes formas de exílio experimentadas por cada uma. O enredo de **A asa esquerda do anjo** gira em torno da vida de uma família de descendência germânica do sul do Brasil. O relato corre por conta de Gisela, narradora-protagonista, cuja mãe passa por situações constrangedoras, decorrentes de sua origem genuinamente brasileira e de seu deslocamento espacial, com a carga de acarretar o choque cultural entre nacionalidades distintas. A matriarca da família, Frau Wolf, constitui-se como símbolo de despatriamento diaspórico e, portanto, impõe-se em território alheio ao criar para si um país construído por lembranças fortes de sua terra Natal. No romance, Gisela e a mãe, Maria da Graça, sofrem com a rejeição, nem sempre velada, da avó e sogra, respectivamente. Ambas incomodam Frau Wolf, tanto pelo sotaque baiano de Maria da Graça quanto pela semelhança física de Gisela com a mãe. A narradora-personagem, deslocada do contexto em que vive, perde a identidade que se fragmenta em decorrência da subordinação imposta pela avó. Frau Wolf, exilada de sua terra natal, assume a rígida postura social, na tentativa de transformar sua casa em uma Alemanha no território brasileiro. Como reação ao sentimento de estar simbolicamente exilada,

apresenta uma tendência repressora e anacrônica. Nessa postura da matriarca está configurado o que Édouard Glissant denomina de **pensamento raiz** ao tratar do afastamento do indivíduo de seu país de origem conforme assevera:

A raiz é única, é uma origem que de tudo se apodera e que mata o que está à sua volta; opõem-lhe o rizoma, que é uma raiz desmultiplicada, que se estende em rede pela terra ou no ar, sem que nenhuma origem intervenha como predador irremediável. O conceito de rizoma mantém, assim, a noção de enraizamento, mas recusa a idéia de uma raiz totalitária. O pensamento do rizoma estaria na base daquilo a que chamo uma poética da Relação, segundo a qual toda a identidade se prolonga numa relação com o Outro (GLISSANT, 2011, p. 21).

Em **A asa esquerda do anjo**, o **pensamento raiz** pode ser identificado na postura da avó, que tem seus sentimentos e atitudes norteados pelo nacionalismo. O episódio que descreve as festas natalinas na trama revela esse patriotismo exacerbado em detalhes, nas preocupações de Frau Wolf em presentificar no Brasil lembranças de sua terra de origem. A caixa de música trazida da Alemanha, os cantos germânicos, as comidas típicas, tudo é usado para festejar o Natal brasileiro, como registrado nas palavras de Gisela:

Os adultos me pareciam melancólicos. Minha avó recordava os Natais da sua infância com neve. Acabávamos por festejar como exilados: nossos cantos, nosso idioma, nossas comidas, nada tinham a ver com o Brasil de Maria da Graça Moreira Wolf, que cantava com sotaque, e eu naquela hora não achava graça nenhuma (LUFT, 1992, p. 50).

A forma saudosista de preparar as festividades natalinas remete aos estudos de Edward Said, ao tratar da associação entre nacionalidade e exílio. O crítico palestino entende o nacionalismo como “[...] uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos” (SAID, 2003, p. 49). Desse modo, avó e neta atuam na tessitura narrativa no desconcertante território do não pertencimento, que, segundo Said, fica situado “[...] logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’” (SAID, 2003, p. 50, grifo do autor).

O sentimento de desagregação é também experimentado pelas duas personagens: enquanto Frau Wolf se agarra à tradição como manancial de resgate e

consolidação cultural, Gisela vive a exclusão no estabelecimento da dualidade conflitante dentro/fora. Configura-se, assim, o conceito fechado de diáspora defendido por Stuart Hall:

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (HALL, 2008, p.32, grifo do autor).

Ao se constituir, portanto, um agente do modelo diaspórico fechado de Hall, a avó pode ser vista como um microcosmo do movimento cultural hegemônico. Vive em função de garantir que essa hegemonia seja preservada no núcleo familiar e seu cérebro funciona de modo a filtrar o que julga ser oportuno ao memorialismo recrudescido que alimenta.

Ressalte-se que o poder hegemônico não atua da mesma forma sobre todos os membros da família: as tias não o questionam, a mãe parece ser mais consciente sobre suas atitudes de subserviência à avó, embora o faça mais para agradar ao esposo. Subversor da ordem hierárquica de Frau Wolf, Stephan, tio de Gisela, diferentemente dos demais homens da família, chega a ironizar a prepotência da matriarca. Gisela, sente-se totalmente desconfortável e desajustada nesse contexto, e, embora tenha sua autoestima corroída pelo domínio da avó, tenta se adequar. As diferentes nuances com que cada membro da família absorve a cultura imposta por Frau Wolf no romance remete ao conceito de *différance* de Derrida (2003), segundo o qual há uma quebra dessa divisão binária do que é **o mesmo** e do que é **o outro** em ondas de similaridades e diferenças. Para Derrida, todas as pessoas “[...] negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*, onde as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas” (DERRIDA, 1972 apud HALL, 2008, p.73).

Pode-se observar na condição de Gisela e da avó uma representação simbólica da dialética **colonizador** e **colonizado**, já que, segundo Said, o significado de ser **colonizado** se expande daquilo que se entende por um povo oprimido e vitimizado, passando a designar quaisquer classes subjugadas e oprimidas, quer sejam mulheres, minorias nacionais, enfim, vozes silenciadas. Para Said, “[...] ser um dos colonizados é potencialmente ser muitas coisas diferentes, mas inferiores,

em muitos lugares diferentes, em muitos momentos diferentes” (SAID, 2003, p.116). Esse ser inferior mencionado por Said é simbolicamente representado no romance pelo desconforto de Gisela, ao se sentir inferior por não se adequar aos padrões determinados pela avó e, principalmente, por se entender como mestiça. Isso fica registrado na passagem em que Gisela narra o descontentamento de Frau Wolf em relação ao casamento do filho com a nordestina Maria das Graças:

Mais tarde fiquei sabendo que o casamento de meu pai com ela trouxera grande desgosto para a família, especialmente Frau Wolf. Otto, o filho querido, primeiro membro da família a se casar com alguém que não era de origem alemã: quando minha avó me fitava com desagrado, eu me envergonhava como se fosse mestiça (LUFT, 1992, p. 46).

A narradora-personagem representa a quebra do equilíbrio, como fruto de uma união entre a cultura germânica, considerada pela matriarca como hierarquicamente superior, e a nordestina, simbolizando o elemento intruso no gueto familiar. A relevância dessa percepção de desequilíbrio em decorrência da perda da pureza racial é bem exemplificada nas palavras de Aimé Césaire (1978) ao mencionar a resistência da França por entender a mistura racial como sendo o real motivo da crise no país: “Em suma, a mestiçagem, eis o inimigo. Não mais a crise social! Não mais a crise econômica! Já não há senão crises raciais!” (CÉSAIRE, 1978, p. 50). Em **A asa esquerda do anjo**, a matriarca atribui à mãe e à filha a responsabilidade pelo fato de a família Wolf não mais conservar os elementos originais da cultura alemã. São tratadas com hostilidade e desprezo, o que Gisela responde de forma sutil, conforme está registrado na seguinte passagem da obra:

Puxava de propósito o fio até enrugando o tecido; metal que eu usasse, exceto ouro e prata, enferrujava depois de algumas semanas, era preciso trocar seguidamente minhas agulhas e tesouras. Ninguém sabia ao certo porque era assim. “Sangue ruim”, ouvi comentarem um dia. Nunca mais esqueci (LUFT, 1992, p. 75, grifo da autora).

Gisela tem consciência de constituir a causa do desequilíbrio da zona de conforto que Frau Wolf busca nas tentativas de resgate de suas raízes culturais e étnicas. Essa percepção na autocrítica da personagem está evidenciada na passagem que segue:

Dela herdei os olhos pretos, que em mim ficavam deslocados, não combinavam com o cabelo desbotado, a pele branca. Não me transmitiu o que eu mais desejava ter: a alegria, a capacidade de adaptação. Mas era possível que partilhássemos, sem comentar, a sensação de estarmos no lugar errado. Maria da Graça, numa família de Helgas e Heidis. E eu, Guísela ou Gisela? Minha mãe pronunciava Gisela; o resto da família dizia Guísela, à maneira alemã, que eu achava horrenda (LUFT, 1992, p. 20).

Transpondo esse preconceito da avó para a análise da questão multicultural, interessante se faz ponderar sobre o significado da categorização em raça e etnia, temas pertinentes à questão da exclusão. A primeira, a raça, não é científica e, segundo Stuart Hall (2008), trata-se de uma construção política e social, em torno da qual se estrutura um poder socioeconômico de exploração e exclusão, o racismo. Para o teórico jamaicano, o racismo biológico “[...] privilegia marcadores como a cor da pele. Esses significantes têm sido utilizados também, por extensão discursiva, para conotar diferenças sociais e culturais” (HALL, 2008, p. 67). A lógica racista justifica em termos de distinções genéticas e biológicas as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial. Nesse sentido, como o nível genético não é perceptível de modo imediato, acaba sendo materializado em padrões reconhecíveis, tais como a cor dos olhos ou dos cabelos, o que, no romance, torna-se visível ao serem mencionadas as feições de Gisela e da mãe em comparação com as da prima Anemarie, esta última alemã legítima. A etnia, por sua vez, busca a justificativa das diferenças com base nas características culturais e religiosas, sendo que ambas nunca operam de modo exclusivo. Para Hall (2008, p. 68), a diferença justificada pela cor da pele e as diferenças socioculturais acabam por se articular, ocorrendo simultaneamente, de modo que podemos entender racismo biológico e discriminação cultural não como dois sistemas distintos, mas, sim, como dois registros ou duas lógicas do racismo. No romance, essas duas formas diferentes de racismo são claramente praticadas de modo simultâneo pela matriarca, ao privilegiar tanto as feições que deixassem clara a pureza da raça alemã quanto aqueles elementos culturais típicos dessa raça, como a culinária, a erudição trazida pela musicalidade e a prevalência do idioma germânico na família.

A brutalidade da avó para neutralizar Gisela no que diz respeito aos seus sentimentos e às suas reações podem ser entendidos como o que Aimé Césaire (1978) entende por um processo de **descivilização** tanto do colonizador quanto do

colonizado, a partir de uma catarse coletiva. Cite-se como exemplo o episódio em que a menina, em um dos raros momentos de demonstração afetiva, cuida de uma pomba ferida, pelo que é repreendida pela avó, que considera o animal sujo. Gisela acaba por matar acidentalmente a ave, ao retê-la forte de encontro ao corpo para que não lhe tomassem aquela que elegeu como amiga, o que está registrado na confiança que faz ao leitor: “Matei o que amava, porque o quis reter comigo e não deixaram. Então eu não sabia que pássaros tem piolhos?” (LUFT, 1992, p. 65). Decorre dessa passagem um momento epifânico, quando a personagem conclui que “Não era limpo amar” (LUFT, 1992, p. 65). Assim, a narradora-protagonista passa a se fechar a tudo aquilo que pode ser considerado impróprio, ou sujo, ou indecente, na concepção da avó.

Decorrente do processo de **descivilização**, Gisela assume uma postura fria e arredia quanto a seus sentimentos, modo que encontrou para lidar com as constantes censuras e exigências da avó. Assim, a questão do que era considerado aceitável, ou não, para os padrões da matriarca, permeia o romance em vários momentos, desencadeando na protagonista preocupações constantes e intenso pudor com relação a tudo aquilo que, segundo a opinião de Frau Wolf, era inadequado. Essa repressão se instaura e se revela, por exemplo, nas passagens em que Gisela é proibida de se sentar diretamente na areia ou no banco de pedra que, no romance, indiciam lugares contrastantes com os ideais de higiene da avó. Os sentimentos e desejos contidos no âmago de Gisela são ceifados, cedendo espaço para seu rancor e sua amargura. Instaura-se a **negação do direito à personalidade**, termo usado por Mário de Andrade ao prefaciá-la obra de Césaire, **Discurso sobre o colonialismo** (1978). O exagero de Frau Wolf, ao estabelecer tantas regras quanto ao que seria anti-higiênico ou inadequado, bem como o sadismo com que reage às possíveis transgressões dessas regras, espelham a habilidade das civilizações europeias em seus discursos colonialistas, conforme as palavras de Césaire:

Colonização e civilização?

A maldição mais comum nesta matéria é deixarmo-nos iludir, de boa fé, por uma hipocrisia colectiva, hábil em enunciar mal os problemas para melhor legitimar as soluções que se lhes aplicam (CÉSAIRE, 1978, p. 14).

Há, portanto, os que fazem com que sua cultura se sobreponha a outra sob a justificativa do progresso e falam da cura de doenças, de condutas adequadas, de higiene impecável. E enquanto o racista que se nega como tal, ou o moralista de generosas intenções colonizantes mantém esse discurso, Césaire assim rebate:

Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas.

(...) Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à vida, à dança, à sabedoria.

Falo de milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo (CÉSAIRE, 1978, p. 27).

Desenrola-se o tempo narrativo e Gisela, já crescida, continua a falar alemão com a avó, porém com indícios do sotaque brasileiro da mãe. Os exercícios de letra gótica terminam e as lições de piano acontecem com menos frequência, pois já é muito crescida para que a avó continue lhe batendo nos dedos e nas costas com a bengala ao errar as lições. A narradora-protagonista passa a perceber o fingimento, a hipocrisia que permeia por entre os integrantes da família que colaboram para a perpetuação do debate elitista da avó no que tange a uma cultura ideal. Passa a questionar até mesmo a autoridade de Frau Wolf, que passa a ser vista como uma farsa para que seu antigo mundo se mantenha de pé. Percebe que inclusive Anemarie, a preferida pela avó como um modelo de perfeição, também havia mudado de alguma forma. A própria avó havia mudado, embora ainda conservasse a postura imponente daqueles que se recusam a demonstrar qualquer fraqueza:

[...] a velha Wolf, rosto já cortado de infinitas rugas, mantém a postura de sempre. Se o calor a abate, não demonstra; as decepções lhe vincaram mais a testa, os cantos da boca baixaram-se, manifestando o desprezo por um mundo que não correspondeu às suas expectativas. Como me considero uma dessas decepções, vê-la me deprime. O apego às tradições do seu país também vai se frustrando, meus primos já não falam alemão; agora rapazes, não comparecem aos almoços. Em pouco tempo talvez não venhamos mais a festejar o Natal com as velhas canções alemãs; depois de tia Marta, quem executará suas receitas? (Luft, 1992, p. 77).

Nessa passagem do romance, observa-se um enfraquecimento hegemônico de Frau Wolf, e um movimento de resistência começa a tomar forma. A princípio incípida, essa resistência se agiganta até culminar na transgressão máxima, ao estilhaçar a família: Anemarie, o peixinho dourado, o *Goldenfisher*, como Frau Wolf denomina em alemão a neta, foge com o tio Stephan, anulando a figura da avó e simbolicamente negando toda uma cultura. Esse momento de transgressão, observado no romance, remete à questão das **metáforas de transformação** no debate sobre cultura dominante e mudança cultural. Segundo Hall (2008), tais metáforas levam a imaginar as consequências do questionamento das velhas hierarquias e dos padrões sociais e sua substituição por novos significados, valores e configurações socioculturais. Para ele, essas metáforas devem conter um valor analítico que forneça meios de reflexão acerca das relações entre o social e o simbólico de modo não reducionista. A concepção marxista de que as ideias da classe dominante em todas as épocas são as ideias que prevalecem, que a força material dominante é também a força intelectual que se sobrepõe, é uma simplificação dramática já superada pela teoria cultural moderna. Vê-se a representação disso no fato de Anemarie, que constituía o ícone da perfeição para a avó, ter sido a grande transgressora dessa força dominante.

A punição pela transgressão de Anemarie e Stephan se deu na forma de silêncio. Frau Wolf proibiu que se falasse no assunto e determinou que ambos fossem esquecidos, tal como se nunca houvessem existido. Duas redomas foram quebradas, tanto a de Anemarie, no rompimento de sua imagem de pureza imaculada, quanto a da avó que via seu símbolo de perfeição e utopia cultural alemã se desfazer. Percebem-se sinais de abalo da matriarca em pequenos detalhes simbólicos, tal como o deixar de dar corda nos relógios, ou o passar a realmente se apoiar na bengala.

Há na obra a reiteração de um signo, o de um anjo sobre a lápide do túmulo familiar de Frau Wolf, que na trama aponta para situações diversas e para diferentes desfechos. Em tais recorrências, o anjo se apresenta como leitmotiv a sinalizar para o enigmático e a realçar polaridades como o sagrado e o profano, a santidade e o erótico. Mais uma vez, epifanicamente, clareiam para o leitor nas obscuridades intuídas por Gisela, sensações, frustrações, idas e vindas de uma consciência em

crise e de sentimentos antagônicos entre amar e desprezar. Assim sendo, o mesmo anjo de bronze, apresentado ao leitor nas primeiras linhas do romance, a guardar o jazigo da família Wolf e a indicar o caminho difícil do céu, sobrevoa o enredo e alcança as palavras finais em um encerramento magistral de toda a trama: “No cemitério, na entrada do Jazigo, a asa esquerda do Anjo se fende um pouco mais” (LUFT, 1992, p. 141, grifo do autor).

Relevante consideração tece Micea Eliade sobre a dualidade sagrado/profano:

O leitor não tardará a dar-se conta de que o *sagrado* e o *profano* constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser *sagrado* e *profano* dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis à existência humana (ELIADE, 2012, p. 20, grifo do autor).

Para Gisela, em suas crises existenciais, o anjo sobre a lápide tumular inspira percepções que oscilam entre bem e mal; vida e morte; masculino e feminino; desejo e repulsa. Considere-se a passagem em que a narradora-protagonista apresenta a escultura do anjo que, na trama, assume o papel de personagem transgressor do celestial em uma incursão autoral pelas alamedas da desconstrução pós-modernista.

De longe podia-se ler, por cima da porta do jazigo, a inscrição: FAMILIE WOLF. À direita da entrada, o Anjo de bronze, maior do que um homem, sentado, a mão direita erguida para o céu, a esquerda pendendo cansada no regaço. Minha avó explicava que era um dos arcanjos que guardam o Paraíso, mas como não sabia se era Miguel, Gabriel ou Rafael, para mim ficou sendo apenas o Anjo, e pertencia à nossa família. Moça ou rapaz? O rosto era de um belo adolescente, mas os cabelos desciam até os ombros, e debaixo dos panejamentos de bronze entreviam-se seios redondos. Eu tinha vergonha de olhar, mas eram seios. Um Anjo misterioso, concentrando na pesada matéria em que se mobilizava a eternidade de seu gesto e expressão, os enigmas da vida e da morte (LUFT, 1992, p. 41).

O anjo, a velar realidade e ficção, perpassa a trama norteando impulsos que se originam dos domínios de Eros e Tanatos. Preside situações decorrentes da vida em movimento, e as conexões paixão-morte, no tema do amor fatal, atravessam o enredo cujos personagens se vestem de diferentes roupagens de acordo com o momento em que atuam. Como na morte barroca, culposa, torturada, entre pecado e perdão, o relacionamento de Anemarie e Stephan recebe a punição pela transgressão em que incorrem, quando Anemarie é dizimada por um câncer uterino e, nesse episódio, o Anjo representa o anunciador da morte.

Lúcia Castello Branco (2004) refere-se à expressão artística como atendendo ao impulso para a totalidade do ser em sua união com o universo e entende a comunicação que se estabelece entre a obra de arte e o leitor como nitidamente erótica.

O prazer diante de uma obra de arte não é, em primeira instância, intelectual, racional, embora a razão possa interferir através de julgamentos de valor, apreciações críticas que todo leitor/expectador termina por fazer. O primeiro contato entre o expectador e o objeto artístico é sempre sensual: aquela obra nos agrada ou nos desagrada, nos “toca” e nos “conecta” ou nos é indiferente. Nesse sentido, a arte corresponde a uma modalidade perversa de erotismo (BRANCO, 2004, p. 12, grifo da autora).

A punição pela transgressão torna-se mais contundente com a simbologia da morte roendo o útero, raiz da vida, de Anemarie. Em seu velório, a matriarca cospe no pé do caixão, como um gesto marcante de desprezo pela desconstrução de seu autoritarismo. O sentimento de controladora da vida e da morte antagonicamente a induz ao desdém por Anemarie, perante a sociedade, ao mesmo tempo em que se fecha em seu quarto para lamentar entre lágrimas a morte da neta querida. Mesmo sofrendo em seu íntimo, não chora perante os demais, mantendo a postura inabalável de sempre. Aos poucos, porém, por mais que lute por hegemonia, seu mundo vai se corroendo. Gisela, ao ver a matriarca reinando em uma casa quase vazia, uma vez que tantos membros da família já haviam sido tocados pela asa do anjo de bronze, questiona o porquê de por tantos anos todos terem obedecido Frau Wolf como animais domesticados, já que na realidade tudo se tratava de uma fragilidade trajada de arrogância. Essa percepção, a identificação da hipocrisia que leva a velha dama a encobrir sua fragilidade e assim garantir sua hegemonia

inabalada, evoca a reflexão de Césaire (1978), ao falar do momento em que o ser colonizado percebe a hipocrisia do agente colonizador, do qual depende para sustentar sua primazia: “Os colonizados sabem, a partir de agora, que têm uma vantagem sobre os colonialistas. Sabem que seus ‘amos’ provisórios mentem. Logo, que seus amos são fracos” (CÉSAIRE, 1978, p. 14, grifo do autor)<sup>3</sup>.

O insólito se instala quando a narradora-protagonista inicia e finaliza o romance mencionando um ser que a habita e que precisa expulsar de dentro de si. Um violador de que ela deve se livrar com urgência a fim de reaver sua identidade. Esse ser repugnante e grotesco deve sair por inteiro, pois, sobrando um pedaço, voltará a crescer. Para isso, ela deve estar determinada, porém, sem precipitação e, nesse movimento de expulsão, Gisela declara a necessidade de que o ódio seja maior do que seu nojo por aquele ser (LUFT, 1992, p. 108). Entende-se o tal ser como agente violador da identidade da protagonista, como aquele que deve ser extirpado totalmente para que o ser oprimido reintegre a posse de seu eu, a fim de que o trabalho de descolonização seja concluído. Embora Gisela admita ter acatado os desígnios da avó e internalizado sua cultura, sem que o percebesse, ter se tornado uma exímia dona de casa, a ponto de ser merecedora de seus elogios, sente a necessidade urgente de não mais fugir do derradeiro momento de expulsão daquilo ou daquele que a violou. É possível reconhecer no parto de Gisela uma tentativa de retomada identitária, ao expulsar o ser violador que pode ser transposto para a figura do colonizador. O processo de descolonização é assim entendido por Glissant ao citar a necessidade da retomada identitária:

[...] a identidade, pelo menos no que toca a esses viajantes ocidentais que forneceram a massa dos descobridores e dos conquistadores, reforça-se antes de mais de modo implícito (“a minha raiz é a mais forte”), e em seguida é exportada explicitamente como valor (“o ser vale pela sua raiz”), obrigando os povos visitados ou conquistados à longa e dolorosa busca de uma identidade que deverá sobretudo opor-se às desnaturações provocadas pelo conquistador. Variante trágica da procura de identidade. Durante um período histórico de mais de dois séculos, a identidade afirmada dos povos terá de ser conquistada contra os processos de

<sup>3</sup> Em **Discurso sobre o Colonialismo**, Césaire assim se refere ao mencionar a indefensabilidade das nações europeias pelo fato de as mesmas se valerem de embustes, a fim de justificar suas barbáries praticadas às comunidades colonizadas, sobre o pretexto de serem agentes civilizadores para nações bárbaras. Sendo assim, para Césaire, o fato de agirem como bárbaros para implantarem uma civilização constitui uma mentira, portanto, uma fraqueza.

identificação ou de aniquilamento desencadeado por esses invasores. Se no Ocidente a nação é antes de mais um “contrário”, para os povos colonizados a identidade será, em primeiro lugar, um “oposto a”, isto é, em princípio, uma limitação. O verdadeiro trabalho da descolonização terá sido superar este limite (GLISSANT, 2011, p. 26, grifo do autor).

No parto, Gisela trava uma luta contra o tal ser, ou o contra o oposto que nela habita, e que, por fim, é expelido num espasmo de vômito. Gisela se questiona: “Como coube em mim essa coisa imensa? Que comunhão foi a nossa? Estou livre” (LUFT, 1992, p. 139). Nesse processo simbólico de desconstrução/descolonização, ao expulsar de si aquele ser disforme e intruso, Gisela, já ao final do romance, acaba por perceber que, nem ela nem aquele habitante sem feições, enrodilhado a um canto do quarto, possuem uma identidade.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do comportamento social das personagens de **A asa esquerda do anjo**, observou-se que a narradora-protagonista Gisela passa por um processo de despertencimento decorrente das imposições socioculturais ditadas pela avó, a matriarca Frau Wolf, que se mantém fortemente atrelada às tradições alemãs que compõem sua origem. Constatou-se, a partir daí, o vínculo entre o exílio e o fortalecimento do sentimento de nacionalidade que o mesmo acarreta. No romance, ao oprimir Gisela, quando cria situações em que a neta não consegue atender às suas expectativas, atreladas aos padrões culturais da origem alemã, a matriarca reproduz os abusos hegemônicos que solapam culturas visando à preservação de sua própria autenticidade, ao usar o progresso como subterfúgio. Percebeu-se no conceito derridiano de *différance* que a reação do agente colonizado não ocorre de maneira uniforme, o que, no romance, é simbolizado pelo modo como cada membro da família reage de forma diferente às imposições da matriarca. Maria da Graça, mãe de Gisela, nunca foi capaz de aprender o alemão corretamente, as tias se submetem à hegemonia da avó de tal modo que parecem ter sido neutralizadas em suas individualidades, o pai de Gisela e seus tios permanecem indiferentes, já acostumados ao sistema. A prima Anemarie, o ícone de perfeição para a avó, acaba por subverter tal hegemonia ao fugir com o tio, também

transgressor da ordem imposta, embora retorne no final da trama, consumida pela punição de uma doença terminal. Gisela, por sua vez, embora inconformada, não teve outro meio senão tentar se adequar à situação, apesar das angústias que sofre. Quanto a Frau Wolf, viu-se o gradual enfraquecimento da matriarca em termos de seu poder hegemônico perante a família, o que teve início com a fuga de Anemarie com Stephan. Pode-se depreender desse episódio a prova de transgressão ao sistema opressivo em retomadas de decisões e condução de ações. Finalmente, o doloroso movimento de expulsão do ser que habita Gisela acena para o refazimento identitário da personagem por meio do árduo processo de reintegração de posse de sua individualidade. Verificou-se no estudo que a força do **pensamento raiz**, em seu aspecto de nacionalismo extremado, defendido por Glissant, levou à constatação do alcance da força do sentimento de resgate da cultura de origem, em níveis de extremada possessão e autoritarismo do indivíduo desterritorializado, na obra identificado na postura despótica da matriarca. No romance, o modelo de Hall sobre comportamento **diaspórico fechado** constituiu o manancial de abordagem crítica, por meio do que o **nós** e o **outro** definem a postura dos personagens dicotômicos, Frau Wolf e Gisela. A primeira se protege atrás das trincheiras culturais de onde dispara dardos, ao diferente, na trama configurado pela personagem Gisela. Por sua vez, o pensamento de Derrida sobre a *différance* complementa a análise crítica de **A asa esquerda do anjo**, quando quebra a divisão binária entre o **mesmo** e o **outro**, no que diz respeito às diferentes formas de conduta perante os desmandos da matriarca. A contribuição de Hall, no que trata das **metáforas de transformação**, solidificou a análise do poder decisório de Anemarie, ao se revelar como transgressora da atuação hierarquizante matriarcal. No momento em que tio e sobrinha fogem do domínio de Frau Wolf e passam a vivenciar seu mundo, anulam com sua atitude subversiva qualquer rechaço ao diferente, em ondas de similaridades entre os dois personagens e em ondas de diferença em relação ao conjunto familiar.

## REFERÊNCIAS

- BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**: 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1. ed. Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- DERRIDA, Jacques. **Da hospitalidade**. São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2003.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- GLISSANT, Édouard: **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce Albergaria Rocha. França: Éditions Gallimard, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A poética da relação**. Lisboa: Sextante Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O pensamento do tremor**. Tradução Enilce Albergaria; Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.
- LUFT, Lya. **A asa esquerda do anjo**. São Paulo: Editora Siciliano, 1992.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 489 p.